ANNO XXIV DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 19 DE FEVEREIRO DE 1905 — N.º 1:088 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

O POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 289

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º Anno

O ESPIRITO DEMOCRATICO

A campanha da Austria e da Prussia contra a França revolucionaria só começou, verdadeiramente, depois do 10 d'agosto de 1792, dia em que o povo de Paris, revoltado, atacou e tomou as Tulherias, forçando Luiz XVI a entregar-se á *Assembléa*, que o mandou encerrar no *Templo*. Mas os primeiros combates foram desastrosos para os francezes, e tiveram um echo enorme na Europa, que julgou a França irremediavelmente perdida. Quarenta e dois mil prussianos e quinze mil austriacos tomaram Longwy, que se calculava poder resistir durante tres semanas e que capitulou no praso de tres dias, a 23 d'agosto. Verdum cahe em poder dos prussianos a 2 de setembro. O caminho de Paris fica aberto ao inimigo, e o alarme em toda a França é enorme. Mas o governo revolucionario não dormia. Lafayette, suspeito á causa republicana, é substituido no commando d'um dos exercitos revolucionarios por Dumouriez, general em que o partido revolucionario não podia confiar demasiadamente, mas com talento militar. Kellermann, dedicado, esse, á Revolução, substitue Luckner no commando do outro exercito.

Dumouriez e Kellermann atacam os exercitos colligados em Valmy, commandando regimentos de voluntarios, reunidos á pressa, muitos dos soldados vestidos ainda á paizana, e no proprio dia em que se reune a *Convenção*, a famosa assembléa que fez o assombro do mundo, no proprio dia em que o regimen monarchico é declarado banido para sempre da França, na vespera da proclamação da Republica, os exercitos revolucionarios, ainda pouco antes fugindo vergonhosamente deante do inimigo, obteem uma assignalada victoria sobre os exercitos dos reis colligados, commandados pelo rei da Prussia em pessoa.

Kellermann, o intrepido Kellermann, recommenda ás suas tropas que esperem o inimigo com a maior serenidade. Tira o chapéo, ornado com o penacho tricolor, colloca-o na ponta da espada, eleva-o no ar e grita: «*Soldados, viva a nação!*» O exercito inteiro, de que se apodera um louco enthusiasmo, responde: «*Viva a nação! Viva a França! Viva o nosso general!*» Este grito fez-se ouvir em toda a linha de batalha. Os sons das musicas, tocando a *Çaira*, enchem os ares misturando-se com o troar do canhão. Os officiaes collocam os chapéos nas pontas das espadas, os soldados nas pontas das bayonetas, e todos os erguem nos ares exclamando: «Que venham; este será o mais bello momento da nossa vida.»

Os prussianos ficam espantados deante d'esse espectaculo nunca visto, nem imaginado por elles, e alguns historiadores escrevem que a sua surpreza foi de tal ordem que não pouco concorreu para lhes tirar a força moral. Até ahi acostumados a vêr fugir os francezes, logo nos primeiros tiros, é com pasmo que encaram aquella massa, metade d'ella de paizanos armados, n'uma attitude de resistencia firme e altiva.

O combate começa, com um encarnecimento extraordinario. Os chefes da artilheria, o tenente general d'Aboville e o marechal de campo Lenarmont, dirigem o fogo das baterias. Linch, Muratel e Pully exhortam a infanteria e a cavallaria. «O garbo dos nossos, dizia Pully, era soberbo; os intervallos, abertos nas fileiras pela artilheria inimiga, preenchiam-se logo.» O tenente coronel do quinto batalhão de granadeiros cahe mortalmente ferido. Os soldados correm para o levantar e lhe manifestar a sua dôr. «Meus amigos, diz elle, continuae no vosso posto; eu morro contente, certo de que a causa da liberdade triumphará.» O cavallo de Kellermann cahe morto por uma bala; uma outra atravessa o capote do general. Uma deputação dos regimentos vem-lhe pedir que se não exponha tanto. Kellermann responde: «E' preciso que eu seja o primeiro a dar o exemplo do sacrificio pela liberdade.»

Beurnonville, n'um momento critico, em que os soldados estavam muito expostos, percorre as fileiras, dizendo: «Meus filhos, assentae-vos, que será o perigo menor.» Ninguem se senta, respondendo-se ao general: «Se vós andaes a cavallo, como nos havemos nós de sentar?» Um joven soldado, depois de tres horas de fogo, pede para ir á frente abraçar o cadaver de seu irmão, que acabava de cahir morto. Abraça-o e beija. Depois ergue-se com os olhos cheios de lagrimas e levanta o chapéo gritando: *Viva a nação!*

N'um outro momento critico do combate, que durou oito horas, o Kellermann excita com palavras os soldados, *os seus bravos irmãos d'armas*, como lhes chama. Os soldados respondem-lhe outra vez com gritos unanimes de alegria: *Viva a nação! Viva o nosso general!* E novamente elevam os chapéos na ponta dos sabres e na ponta das bayonetas.

Emfim, o exercito revolucionario termina por derrotar completamente os exercitos prussiano e austriaco colligados.

Gœthe, o grande poeta e pensador allemão, que acompanhava o exercito prussiano, aos que lhe perguntaram, depois da derrota, a sua opinião, respondeu: «D'este logar e d'este dia data uma nova epocha na historia do mundo.» Previa, diz Chuquet, que a França não se limitaria a desthronar o seu rei e a expulsar o extrangeiro, mas que trasbordaria sobre a Europa; advinhava a força irresistivel da Revolução victoriosa. Os seus amigos não viam na batalha de Valmy senão um cheque a reparar e uma desforra a tirar; aos olhos de Gœthe era um d'aquelles acontecimentos que mudam o curso da historia. Massenbach fez a mesma prophecia: o 20 de setembro, affirmava elle, dá ao mundo uma outra face. E' o dia mais importante do seculo.

Caraman, prussiano tambem—e era esta a opinião de Brunswich e do proprio principe imperial—escrevia: «O coração batia-me com força; a vida do rei, o futuro da França, talvez o da Europa, estavam em jogo; ha muito tempo que não era submettida á sorte das armas uma questão tão importante.»

Chuquet, no seu bello volume *Valmy*, escreve (pags. 231):

«O exercito da Revolução recebeu em Valmy o baptismo de fogo; fez frente ás tropas mais temiveis da Europa; alcançou uma victoria moral, uma d'essas victorias que elevam e fortificam os corações, exaltam o enthusiasmo e provam brilhantemente a energia da lucta e da resistencia. O soldado teve d'ahi em deante aquella confiança em si proprio que faz a força real dos exercitos; sentia-se cheio de coragem e destinado a emprehender grandes coisas...

O inimigo mais aguerrido, escrevia Kellermann ao ministro da guerra, não poderá vencer mais aquelles que se consagram á defeza da liberdade.

O soldado repetia estas palavras de Kellermann. O seu orgulho exaltou-se. Não viu mais nos seus adversarios senão cegos instrumentos do despotismo. Os discursos e as brochuras do tempo passaram a representar o militar austriaco ou prussiano como uma machina, como um vil escravo ensinado á força de pancada.

Depois de Valmy, todo o francez que usava espada ou manejava uma espingarda se considerou campeão d'uma causa que devia necessariamente triumphar. Este negocio do dia 20, escreviam de Dampierre ao *Moniteur*, fez ver que os soldados da liberdade valiam mais que os dos despotas. Depois de ter visto esta acção, escrevia um capitão de voluntarios a Brissot, considera a nossa nação invencivel.»

Tal é o valor prodigioso do espirito democratico. Nos exercitos e em tudo!

Casimiro Freire

A Ceres, revista illustrada dedicada ás industrias de lavoura, moagem e panificação, *A Padaria Nacional*, o *Passa Tempo*, e *Commercio e Industria*, publicaram nos ultimos dias o retrato e a biographia do nosso prezado amigo *Casimiro Freire*, o grande propagandista e benemerito da instrucção popular em Portugal.

E' uma homenagem justissima, a que nos associamos do coração.

QUE REPUBLICANOS!

Mão anonyma, mas atilada, manda-nos um exemplar da *Voz Publica*, jornal que não lêmos, de 8 de fevereiro, com um artigo marcado, em 1.ª pagina, sob a epigraphe *Carteira de um jornalista*, onde o famigerado, decantado, nunca esquecido Cunha e Costa, escreve e assigna varias coisas, entre ellas estas:

«Ando ha muitos annos extranho á politica, absolutamente descrente dos partidos e do povo, indifferente ao problema da fórma do governo, e só as grandes questões sociaes conseguem ainda distrair-me dos deveres da minha profissão e dos assumptos artisticos que particularmente me captivam. Mas o sentimento de indignação que antehontem se apoderou de quantos presenciaram as arbitrariedades da policia tambem me tocou pela porta. Ha indignidades que tem o condão de irritar os temperamentos mais fleugmaticos e os espiritos mais scepticos. Essa, por exemplo. E creio bem que dos actos dementados de ante-hontem resulta para os candidatos republicanos augmento, não pequeno, de suffragios. Eu, por exemplo, que não estou recenseado, se o estivesse votaria de chapa nos candidatos do partido.

Como eu, ha centenares de cidadãos portuguezes afastados da politica e que serão, mau grado seu, obrigados a voltar a ella, auxiliando, naturalmente, os partidos avançados. E é a monarchia que empurra para o caminho da lucta quem só lhe pedia que os deixasse em paz e socego. O que se está passando em materia de liberdades publicas excede os extremos da tolerancia e indifferença geraes. E' mais do que afrontoso: é indecente. Cada um de nós, sob pena de deixar de ser *um homem*, tem de sahir do seu cantinho, sacrificar um pouco os seus interesses e contribuir, como poder e souber, para a liquidação d'esta infindavel patuscada.»

Como isto está pôdre!

Anda o cidadão, a quem no Porto chamavam d'antes o *S. Paulo da democracia*, e que todo o Porto conhece como uma especie de Thiago minusculo d'esta porca tragedia nacional, *ha muitos annos extranho á politica, absolutamente descrente dos partidos e do povo, indifferente ao problema da fórma de governo. Mas, mau grado seu, é obrigado a voltar á politica*, **auxiliando, naturalmente os partidos avançados.**

Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei!

Caramba! Contra estes marotos, que veem, naturalmente, *auxiliar os partidos avançados*, ainda é licito gritar: Aqui d'el-rei!

Que anda absolutamente descrente dos partidos e do povo! Já não seria licito admittir que o figurão se declarasse descrente do partido republicano, que elle desacreditou mais do que ninguem. Mas do povo! Absolutamente descrente do povo!

O desavergonhado!

Qual será, porém, peor, elle ou quem quer que seja da *Voz Publica* que lhe publica aquillo?

Qual será peor?

Dr. Pereira da Cruz

Aggravaram-se os padecimentos d'este clinico, vindo observal-o a esta cidade o sr. dr. Tito Fontes, do Porto.

Estimamos as suas melhoras

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

«POVO DE AVEIRO»
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

EM AVEIRO

A votação da lista republicana foi insignificante. Nós logo o tinhamos previsto. Essas coisas resolvem-se cedo, como dissémos, ou não se resolvem. Sem propaganda, os eleitores independentes não vão á urna, e nem sequer os republicanos, demais a mais sem esperança nenhuma de triumpho, e só para protestar, como no circulo de Aveiro. Ora a commissão municipal não publicou um manifesto, não enviou circulares aos eleitores, não fez, emfim, a minima propaganda, e nós tambem a não fizemos, porque não tivemos tempo para isso, pois que só á ultima hora soubemos da resolução da commissão.

A insignificancia da votação, porém, pouco vale na occasião presente. O que vale é a mariolice praticada por alguns figurões que, dizendo-se republicanos, e não sabemos se alguns d'elles é membro da propria commissão, andaram a conspirar, de accordo com os francaceos, e no unico proposito de estabelecer a discordia entre os republicanos de Aveiro, contra a resolução da mesma commissão. O que tem importancia é isso.

A resolução da commissão municipal foi tomada por indicação da commissão directora do partido republicano no centro do paiz. Como se sabe, o partido republicano é dirigido, provisoriamente, por uma commissão directora, parte da qual dirige o partido republicano ao sul do paiz, outra parte ao norte e outra parte no centro, esta com séde em Coimbra. Aveiro pertence á região do centro.

Tendo o sr. dr. Bernardino Machado, em nome da commissão central, lembrado para Aveiro a conveniencia de ir á urna, a commissão municipal, embora tardiamente, acatou essa indicação. Perguntado o sr. dr. Bernardino Machado se se deveria votar a lista de accumulação, annunciada nos jornaes republicanos, respondeu o illustre professor que essa votação por accumulação, tivera um bello effeito moral nas ultimas eleições, mas que era melhor, agora, escolher nomes de candidatos regionaes, havendo-os, e elle proprio indicou os nomes dos srs. Sebastião de Magalhães Lima e Albano Coutinho. A commissão municipal completou a lista com os nomes dos srs. Antonio Luiz Gomes, Bernardino Machado e João Chagas, escolhidos por sua unica e exclusiva iniciativa. Era, pois, uma lista *official*, com todo o caracter *official*, e todos os republicanos de Aveiro, dignos d'esse nome, tinham o *dever* de a votar, dando o exemplo de *discipli-*

na de que o partido carece, e sem a qual não ha partidos possiveis.

O *Povo de Aveiro*, como se sabe, não pertence ao partido republicano. Cem vezes tem declarado que é independente d'esse partido, embora defendendo calorosamente as idéas republicanas. Mas como tambem cem vezes tem declarado que todo o seu desejo é ver forte e bem organisado o partido republicano, não só não tem levantado o menor attricto á commissão municipal republicana do concelho de Aveiro, como tem apoiado todas as suas resoluções, ainda mesmo aquellas que não nos teem parecido *muito acertadas*. E n'essa orientação recommendou a *lista official*, composta de nomes que não eram, em parte, da *nossa sympathia*. Mais uma vez demonstrámos, assim, que collocamos o amor dos principios acima das sympathias ou antipathias pessoaes.

Pois bem. Quando nós procediamos assim, que não pertencemos ao partido republicano, certos figurões que se dizem republicanos, e que *estão, como taes, filiados no partido*, não sabemos se algum d'elles membro da propria commissão municipal, organisavam uma lista com os francaceos, unicamente para **exauctorar** a commissão municipal, no **unico proposito de estabelecer a divisão e a intriga entre os republicanos de Aveiro**, e com ella iam á urna.

Não eram republicanos. Eram **malandros.** Alguns d'elles já conhecidos como capazes de todas as tramoias, o que todos sabem. Mas aos que o não souberem, dir-lho-hemos nós, se necessario fôr. Algum ou alguns fazem parte d'uma quadrilha que ainda ha pouco ahi deu muito que falar.

Posta a questão n'estes termos, tem a commissão municipal que se pronunciar.

A grande força republicana de Aveiro foi sempre este periodico. Nenhuma manifestação, de caracter democratico, conseguiu jámais interessar o publico aveirense sem nós a termos apoiado. Nenhuma chegou a ter echo no paiz sem nós a termos iniciado. N'estes termos, seria tolice nossa estar a transigir com especuladores ou com imbecis.

Accresce que não temos relações nenhumas pessoaes com a maioria dos membros da commissão municipal, antes são creaturas, alguns d'elles, com quem ha muito não sympathisamos. Ora se em taes condições temos apoiado essa commissão, mesmo em actos *que temos julgado menos acertados*, se o temos feito dando um alto exemplo de abnegação por amor aos principios, é claro que não devemos, nem podemos, continuar a apoia-la, se ella não tiver energia nem dignidade para, ao menos, se fazer respeitar.

Ou aquelles que a elegeram lhe dão força, n'um voto de confiança que seja a reprovação solemne dos manejos torpes dos especuladores, e ella, apoiada n'esse voto, põe os **malandros** á margem, porque mais valem vinte homens, só vinte, que sejam republicanos, só republicanos, do que mil **malandros** que sejam tudo ao mesmo tempo, ou ella depõe honradamente o seu mandato.

Em qualquer caso, tratem de definir a situação, para que não tenham mais que se illudir no futuro, porque situações dubias é que nós não apoiamos. Isto se o nosso apoio lhes serve d'alguma coisa. Se não serve, queiram fazer o que lhes aprouver, que para nós tambem é o mesmo.

Continuaremos valendo tanto como valiamos até aqui.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete

A "OSMOND,,

Em mau estado

A calçada da rua de S. Martinho e travessa do mesmo nome está n'um estado verdadeiramente lamentavel. O transito dos carros por alli é feito com toda a cautella, pois que as covas de que o solo está revestido põe os mesmos e a mercadoria que transportam, em perigo. Essas covas, por occasião de chuvas, são verdadeiros lamaçaes.

A quem compete pedimos providencias.

Cartas d'Algures

17 DE FEVEREIRO.

A' amabilidade d'uma senhora, D. Anna de Castro Osorio, cujo nome se tem tornado distincto por trabalhos litterarios de merecimento, devo eu conhecer a conferencia que a mesma illustre senhora realisou na *Associação de Instrucção Popular*, da Figueira, agora publicada em folheto, sob o titulo *A educação da creança pela mulher*, folheto que eu recebo por intermedio d'essa redacção, como offerta que muito aprecio, e que, por isso mesmo, muito agradeço.

A senhora D. Anna de Castro Osorio poderia irritar o assumpto da emancipação da mulher com palavras duras de revoltada, palavras d'odio, como fazem quasi todos os emancipadores d'ambos os sexos. Seguiu outro rumo. Trata a questão suavemente, com palavras de paz e sob o unico ponto de vista digno da attenção dos pensadores. Quem pensa não se póde entreter com berratas ou declamações duentias.

A senhora D. Anna de Castro Osorio entende, e muito intelligentemente, que a grande missão da mulher é educar a creança, e que, no dia em que ella estiver habilitada a desempenhar essa missão, está de posse do futuro. «Mandam-nos educar os filhos como nos poderiam mandar brincar com as bonecas, sem avaliarem as armas terriveis que nos põem nas mãos.»

Sem duvida. N'isso, como em muitas outras coisas, aliás, são os homens estupidos. Felizmente para elles as mulheres não lhes levam vantagens. Póde-se mesmo dizer que ainda são um poucochinho mais estupidas. Assim o reconhece a senhora D. Anna de Castro Osorio quando diz que não póde educar quem não é educado, nem illustrar quem não é illustrado.

Infelizmente. Não é educado o homem, não é educada a mulher, não póde ser educada a creança. Infelizmente!

Se o homem fosse menos estupido, o seu primeiro cuidado seria combater a estupidez da mulher. E ambos intelligentemente orientados dariam um enorme impulso á civilisação, caminhando rapidamente para esse ideal de perfeição humana, que está longe sobretudo pela estupidez em que vegetamos. Exclusivamente por isso, póde-se mesmo dizer.

Quantas dôres physicas e moraes não evitaria uma boa cultura intellectual! Porque a verdade é que muitas das dôres moraes resultam da degenerescencia physica, e esta degenerescencia resulta, muitas vezes, da ignorancia. Não vamos mais longe: é ver as consequencias do hysterismo, já que estamos falando de mulheres. Bem sei que o hysterismo já não é, como foi muitos annos, apanagio exclusivo das mulheres, e que é hoje commum aos dois sexos. Comtudo, ou porque a mulher seja mais fraca, ou seja pelo que fôr, parece que ataca de preferencia o sexo feminino. Se não estou a dizer asneiras. E' possivel que esteja em erro, e que a minha illusão provenha de eu ainda me não ter acostumado inteiramente—tal é o effeito dos preconceitos ou de uma longa tradicção—a considerar os homens hystericos.

Mas deixemos agora o hysterismo do sexo forte e falamos só do hysterismo do sexo fraco.

A mulher hysterica constitue um dos grandes elementos de perturbação das sociedades modernas. Sempre houve hystericas. Mas dantes, coitadas, poucos prejuizos causavam, porque as exterminavam. O despotismo e o fanatismo não as deixavam erguer cabeça. Se eram de sociedade elevada, iam para os conventos, que se convertiam para ellas em terriveis prisões ou em verdadeiros antros de devassidão. Ou, se não iam para os conventos, o poder dos maridos era de tal ordem que facilmente as annullava. Se eram pobres, morriam na fogueira ou nas enxovias, como creaturas do inferno.

Hoje o caso é outro. A civilisação pô-las em liberdade, de maneira tal que se póde dizer com justeza que actualmente é que ellas são o *verdadeiro diabo*. Porque? Pelo mal da liberdade? Não. Não poderiamos nós chegar, que tanto amamos a liberdade, a uma conclusão de tal ordem. Não, não é pelo mal da civilisação, nem pelo mal da liberdade. E' pelo mal da ignorancia.

Desde a gestação que esse terrivel bicho, a ignorancia, começa a estragar a humanidade. As mulheres pobres, coitadas, não pódem observar as prescripções da sciencia. Mas podiam observa-las as mulheres ricas, se fossem cultas. Não são, não o são os maridos, não acreditam mesmo, nem uns nem outros, na sciencia, riem-se das recommendações que lhes fazem, se lh'as fazem, praticam mil asneiras, e já d'ahi surgem, ás vezes, creaturas degeneradas, com degenerescencias de toda a ordem, que depois veem ser martyres no mundo e martyrisar os outros.

A mesma falta de hygiene, de cuidados de toda a ordem, acompanha a primeira e a segunda infancia, de maneira que assim se vão completando os monstrosinhos, se inteiramente monstros não haviam nascido ainda.

Ah! que grandes serviços não prestaria a mãe á humanidade, se podesse ser educada! Para ser depois, como pretende a senhora D. Anna de Castro Osorio, educadora! O futuro seria d'ellas. Mas antes de ser d'ellas seria da humanidade, que é, no fim de contas, o que se pretende. Seria dos homens tambem. Seria de todos. Para todos seria a felicidade!

Se a degenerescencia é uma nevrose, e se a nevrose é de caracter hysterico, como naturalmente está succedendo nas mulheres da classe mais abastada, o homem aggrava com a sua estupidez essa triste situação. A hysterica é uma exquisita, se não é uma maluca. Tem exquisitices de mil feitios. Ora é d'uma sensibilidade extrema, ora é d'uma insensibilidade absoluta. Ora é secca como uma pedra, ora é cheia de meiguice. Ou coisa alguma do mundo lhe arranca uma lagrima, ou chora como uma cascata. Ou é loquaz e fala pelos cotovelos, ou é ferozmente concentrada e não diz uma palavra. Ou lhe dá para se agarrar a um homem como um polvo, ou para fugir d'elle como uma serpente. Tudo a commove, ou tudo lhe é indifferente. São-lhe indifferentes os proprios filhos! Geralmente é uma egoista, uma auctoritaria, uma revoltada, disposta a fazer tudo quanto lhe venha á cabeça sem sacrificar aos outros coisa nenhuma.

Terrivel elemento de perturbação! Terrivel! Não o ha maior. Elemento perturbador na sociedade. Elemento dissolvente na familia. Elemento de dispersão e elemento de desordem em toda a parte. São anarchistas! Como os machos, aliás! O anarchismo é o hysterismo!

Hão de se matar? Hão de se prender? Hão de se maltratar? Não. Hão de se tratar. O hysterismo não é uma doença incuravel. Hão de se tratar por varias fórmas, mas uma d'ellas, e essa de caracter immutavel, é o carinho. Ora eis onde a ignorancia do homem esbarra. O homem quer sempre ver na hysterica uma creatura normal. E não explica os seus desequilibrios senão pela maldade. D'ahi um conflicto inevitavel.

Uma dissidencia irremediavel. Ou a abandona, ou a maltrata, ou encara-a com indifferença, ou vae-lhe recrear o espirito com a *Casa da Boneca*, com a *Magda* ou com a *Gilberta*, que são de primeira ordem para *amaciar o caracter* d'essas pobres nevroticas. O tal grande philosopho Ibsen tem-se fartado de dissolver lares com a *Casa da Boneca*, mettendo em brios as hystericas com tendencias para a mesma mania.

Leve o diabo taes philosophos e taes philosophias! Ainda que aquillo seja preferivel a uma resignação affrontosa. Mas nem tudo ao mar nem tudo á terra.

Quantas desgraças o homem são não evitaria, se possuisse uma sólida cultura intellectual!

E se depois a quizesse e soubesse transmittir á mulher, á mulher educadora, á mulher mãe, que teria, n'esse ponto, um altissimo e glorioso papel a desempenhar!

A. B.

Feira de Março

Deu-se já principio aos trabalhos preliminares do grande abarracamento da feira de 25 de março, no campo do Rocio. Ha já grande quantidade de pedidos de barracas.

Não consta, por emquanto, que venha este anno divertimentos de vulto, para entretimento do nosso povo.

MILHO BRANCO AMERICANO

A chegar até ao fim do mez, vende-o Lino M. da Nova & Filhos, Successor.

Travessa da Picaria, 37—**Porto**

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Mix.	Mix.	Rap.	Mix.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	T.
Lisboa.....	7	11,5	4,30	7,5	9,30
		T.		M.	M.
Entronct.º..	=	1,40	6,19	1	12,21
	T.				
Coimbra ...	2,51	6,9	8,17	6,11	3,28
Pampilhosa.	3,23	7,11	8,35	7,3	4,1
Mogofores..	3,51	7,56	=	8,8	4,38
O. do Bairro	4,4	8,9	=	8.22	4,50
Aveiro.....	4,34	8,43	9,18	8,57	5,18
Estarreja...	5,26	9,45	=	9,27	5,40
Ovar.....	5,53	10.13	=	9,52	5,59
Espinho....	6,30	10,54	=	10,26	6,23
Porto(S.Bt.º	7,47	12,14	10,40	11,34	7,28

DO PORTO A LISBOA

	Mix.	Mix.	Mix.	Rap.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	T.
Porto(S.Bt.º	4,35	11	1,15	4,20	7,55
		T.			
Espinho....	5,16	12,7	3,25	=	8,48
Ovar.....	6	12,34	3,54	=	9,12
Estarreja...	6,25	1,4	4,22	=	9,36
Aveiro.....	6,45	1,29	4,41	4,41	9,53
O. Bairro...	7,22	2,32	5,25	=	10,32
Mogofores..	7,36	2,57	5,38	=	10,45
Pampilhosa.	7,57	3,22	5,59	6,21	11,7
Coimbra....	8,33	4,1	7,3	6,40	11,33
	T.		M.		M.
Entronc....	1,29	=	12,37	8,48	2,42
Lisboa.....	3,42	11,55	5	10,40	5,40

Tramways—Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: de S. Bento, de manhã, 7,7; de tarde, 6,7. De Aveiro para S. Bento, de manhã, ás 3,55 e 10,15; de tarde, ás 4,46.

EXPOSIÇÃO AGRICOLA

Recebemos a circular que se segue e que gostosamente publicamos:

*Ill.*mo *e Ex.*mo *Sr.*—Devendo ter logar no proximo mez de abril, em Lisboa, um Congresso e Exposição de Leitaria, Olivicultura e Industria do Azeite, promovido pela Real Associação Central da Agricultura Portugueza, temos a honra de enviar a V. Ex.ª os respectivos programmas e regulamentos e pedimos a V. Ex.ª a fineza de os fazer publicar no seu jornal.

Enviámos convites a todos os agricultores e industriaes, de cujos nomes tivemos conhecimento pelo Annuario Commercial e pelas listas que nos enviaram algumas camaras municipaes; mas como decerto haverá faltas, muito nos obsequiava V. Ex.ª se no seu jornal, e se o entender proveitoso para a causa agricola, incitasse os leitores a concorrer ao Congresso e Exposição, avisando-os ao mesmo tempo de que, caso queiram, podem mandar pedir a esta Real Associação os regulamentos e programmas.

Agradecemos a V. Ex.ª a fineza da publicação, e por tudo quanto V. Ex.ª possa fazer para o bom exito do nosso emprehendimento nos confessamos extremamente penhorados.

Deus guarde a V. Ex.ª

Lisboa e Secretaria da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, 8 de fevereiro de 1905.

Ill.mo e ex.mo sr. redactor principal do jornal *Povo de Aveiro*.

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO,

Francisco Augusto d'Oliveira Feijão.

No proximo numero começaremos a publicar o Regulamento e o Programma.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Comprae **AOSMOND**

Feitios quasi de graça só na

Ofifcina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Bailes de mascaras no Campo do Rocio

Tem-se dado alguns bailes nos vastos armazens da antiga casa Pereira Mello, ao Rocio, havendo concorrencia e animação. Vae-se assim animando o entrudo entre nós e parece que este anno os divertimentos tomarão calor.

Os emprezarios d'aquelles bailes estão animados dos melhores desejos em proporcionar aos frequentadores d'aquelle salão, os mais agradaveis passatempos, e em manter nas suas salas o devido respeito para com todos.

Tambem o seu restaurante se acha fornecido, desde a bella petisqueira ao afamado copo da Bairrada e de Collares.

Não devem, pois, os amadores faltar com o seu concurso.

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encommendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

13 de fevereiro. — E' publicado, 1896, a celebre lei contra os anarchistas, isto é, contra todos aquelles que podessem representar a menor ameaça ás instituições, a lei mais attentatoria da liberdade que nos ultimos annos se tem publicado no mundo, como se póde vêr em seguida:

DOM CARLOS, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º—Aquelle que por discurso ou palavras proferidas publicamente, por escripto de qualquer modo publicado, ou por qualquer outro meio de publicação, defender, applaudir, aconselhar ou provocar, embora a provocação não surta effeito, actos subversivos quer da existencia da ordem social, quer da segurança das pessoas ou da propriedade, e bem assim o que professar doutrinas de anarchismo conducentes á pratica d'esses actos, será condemnado em prisão correccional até seis mezes, e, cumprida esta, será entregue ao governo, que lhe dará o destino a que se refere o artigo 10.º da lei de 21 de abril de 1892, (enviado para Timor) ficando sujeito á vigilancia e fiscalisação das auctoridades competentes, e o seu regresso ao reino dependente de despacho do governo, depois de feita a justificação indicada no artigo 13.º da mesma lei.

§ unico—A pena comminada n'este artigo deixará de ser applicada, quando ao delinquente fôr imposta, por outros crimes, pena mais grave; cumprida porém esta, applicar-se-ha o disposto na parte final do mesmo artigo.

Art. 2.º—Se nos casos declarados no artigo precedente não houver publicidade, a pena de prisão correccional não excederá a tres mezes, mas depois de cumprida será o delinquente entregue tambem ao governo para os effeitos consignados na disposição final do mesmo artigo.

Art. 3.º—Serão julgados em processo ordinario de querela, mas sem intervenção de jury, e escrevendo-se os depoimentos em audiencia, os reus incursos na disposição do artigo 15.º da citada lei de 21 de abril de 1892, e bem assim os de attentados contra as pessoas, como meio de propaganda das doutrinas do anarchismo, ou como consequencia de taes doutrinas.

§ unico—Em todos os casos previstos por esta lei, os reus poderão ser presos sem culpa formada, sendo conservados em custodia, sem admissão de fiança, até ao julgamento ou decisão definitiva.

Art. 4.º—A imprensa não poderá occupar-se de factos ou de attentados de anarchismo, nem dar noticia das diligencias e inqueritos policiaes e dos debates que houver no julgamento de processos instaurados contra anarchistas.

§ 1.º—No caso de infracção d'este preceito, commettida por imprensa periodica, a auctoridade policial poderá apprehender os numeros do periodico que contenha a infracção, e o editor deverá ser intimado para que, desde logo fique suspensa a publicação e venda do mesmo periodico.

§ 2.º—D'esta diligencia será lavrado um auto e remettido ao respectivo juiz de direito, a fim, de que, ouvido o editor, declare por sentença, dentro do praso de oito dias, contados da recepção do auto, a suppressão do periodico, se houver razão justificativa do procedimento da auctoridade policial, ficando no caso contrario, sem effeito a intimação ao editor.

§ 3.º—No caso de infracção do disposto no corpo d'este artigo por imprensa não periodica, os escriptos serão apprehendidos pela auctoridade policial, e o seu auctor, ou, na sua falta, o proprietario da typographia onde fez a impressão, será condemnado na multa de 500$000 réis.

Art. 5.º—As disposições d'esta lei são applicaveis aos auctores dos actos n'ella incriminados, ainda que prescriptos anteriormente.

Art. 6.º—E' o governo auctorisado a augmentar o corpo de policia civil de segurança de Lisboa, com mais um official, sete chefes de esquadra, trinta e tres cabos de secção e trezentos guardas.

Art. 7.º—Fica revogada a legislação em contrario.

—

Chega a Lisboa, 1873, Amadeu de Saboya, ex-rei de Hespanha, que acabava nobremente de abdicar a corôa d'aquelle paiz, preferindo retirar-se a impôr-se pela força a um povo que lhe mostrava o seu desagrado.

—

14 de fevereiro. — Morre Gutenberg, 1468.

Hans Geinsfleisch de Sulgelock Gutenberg, o celebre inventor da imprensa, nasceu em Moguncia, em 1400.

Em 1436, achando-se em Strasburgo, formou com André Britzehen, Hans e André Heilmann, uma sociedade para a exploração de *processos secretos* de sua invenção e que eram evidentemente os da typographia. As relações entre os associados não se mantiveram amigaveis porque em 1439 teve Gutenberg com elles uma questão judicial, cujos documentos existem ainda n'aquella cidade, e que teem alto valor historico, por isso que por elles se demonstra não só a existencia da imprensa como ter sido Gutenberg o inventor. Não se sabe ao certo se os ensaios tentados em Strasburgo se limitaram á gravura em madeira, ou se chegaram á fabricação dos caracteres moveis de pau, e mesmo á fundição de caracteres mettallicos.

Gutenberg continuou em Strasburgo até 1444, voltando pobre para Moguncia em 1446, onde fundou com João Fust uma nova sociedade, em que não foi mais feliz do que na outra.

Morreu pobre, roubado e calumniado, como quasi todos os homens de verdadeiro merito.

—

15 de fevereiro.—Proclama-se a Republica em Roma, 1798.

A Republica foi por mais do que uma vez proclamada em Roma. No numero passado tratámos do anniversario da Republica romana de 1849. Agora trata-se do anniversario da Republica romana de 1798.

Bonaparte, de victoria em victoria, vencedor em Arcole, em Rivoli, em toda a parte, esmagando os austriacos e os exercitos reaccionarios da Italia, impoz a paz de Campo-Formio, celebrando um tratado em que, fingindo servir os interesses da liberdade não fez senão prejudica-los, como era proprio do seu caracter doble e da pouca elevação das suas idéas. Porque a verdade é que se Napoleão tinha grandes faculdades militares, não possuia a grandeza e elevação de idéas que teem pretendido attribuir-lhe.

«O tratado de Campo-Formio, escreve Zeller na sua *Histoire Resumeé d'Italie*, não podia ser mais que uma trégua na peninsula. Não tinha destruido a dominação extrangeira, nem fundado a independencia italiana, nem garantido a liberdade dos povos. Punha em contacto em todos os pontos do territorio á independencia nacional e a oppressão extrangeira, a republica e a monarchia, a França e a Austria. Foi em Roma que estalou a demonstração da impossibilidade da paz de Campo-Formio. O governo romano tinha chegado aos ultimos extremos do exgottamento e da impotencia. Obrigado a fazer face ás exigencias da França com finanças já perdidas, suicidava-se, taxando os padres, vendendo os bens de mão morta e chegando a fazer mão baixa sobre o proprio mobiliario das egrejas. N'estas condições, como resistir aos pessemistas, aos philosophos, aos innovadores cada vez mais numerosos e apoiados pela França? N'um motim, os revolucionarios, perseguidos pelos soldados do papa, refugiaram-se no palacio do embaixador francez; este, o general Duphot, querendo protege-los foi assassinado.

O Directorio fez logo avançar sobre Roma o general Berttnér, á frente d'uma divisão. Obrigando as tropas pontificias a capitular, entrou na cidade a 14 de fevereiro. No dia immediato, 15 de fevereiro, o povo, reunido no Forcam, declarou abolido o governo pontifical e proclamou a Republica romana.»

16 de fevereiro.—Reunem-se 150 representantes de 120 cidades de França em Pontioy e juram conservar todas as conquistas da revolução, 1790.

—

17 de fevereiro. — Morre Moliére, 1673.

João Baptista Poguelin Moliére, o maior poeta comico francez, nasceu em Paris a 15 de janeiro de 1622. Era filho d'um tapeceiro. Tendo-lhe morrido sua mãe, tambem filha d'um tapeceiro, aos 10 annos, seu pae destinou á mesma profissão de tapeceria. Mas começando o garoto a revelar uma habilidade extrema para o theatro, e a dar provas de grande intelligencia, seu avô materno, grande amador de theatro, mandou-o estudar humanidades. Aos vinte annos tinha Molière uma educação intellectual aprimorada e fez-se actor. Em breve começou elle proprio a escrever as peças theatraes que tinha de representar, conseguindo d'esse modo uma verdadeira immortalidade. Em 1653 representa em Lyon *L'Etourdi*. Em 1656, em Béziers *Le Depit Amoureax*. Em 1659, em Paris, *Les Precienses Ridiculés* e em 1660 *Sganarelle*. Em 1661, sempre em Paris, *Don Garcie de Navarre*, *École des Maris* e *Les Facheux* Em 1662 *École des Femmes*, *Le Mariaje Forcé*, em 1663, *Don Juan*, 1665, *L'ostmour Médicin*, *Le Misanthrope*, 1666, *Le Medecin malgré lui*, *Tartufe*, 1667, *Amphitryon*, *L'Avare*, 1668, etc.

Compoz trinta peças dramaticas, das quaes 14 em verso e sete d'estas em cinco actos.

De todas as suas peças foi o *Tartufo* a que lhe creou mais odios, calumnias e perseguições, que o acompanharam até depois da sua morte. Além d'isso teve a desgraça de casar com uma mulher pouco honesta, que o atraiçoou, servindo de instrumento aos inimigos do grande escriptor para toda a casta de infamias.

Não houve infamia que se não arremasse contra o nome do grande homem, que foi, e tem sido até hoje, o maior comediante do mundo. Um grande espirito, inimigo declarado de todas as mentiras, flagello do vicio e do ridiculo, d'uma moral incomparavel, d'um bom senso e d'uma razão que difficilmente se attingem. E porque foi tudo isso, a infamia, a calumnia, a inveja, o perseguiram sem cessar, abreviando-lhe a existencia.

Sempre foi assim! Assim é em toda a parte! Miseravel humanidade, que só persegue o merito, e sobretudo o merito de dizer a verdade e flagellar o vicio!

Miseravel humanidade!

Molière morreu ralado de desgostos, aos 51 annos de edade. Era tal o odio que o clericalismo lhe votava que esteve insepulto tres dias, por lhe negarem sepultura. Só ao fim de tres dias, de noite, ás escondidas, foi possivel enterrar o cadaver d'uma das maiores glorias do genero humano.

Torpe humanidade!

—

18 de fevereiro.—Batalha d'Almoster, em que Saldanha derrota as forças de D. Miguel, 1834.

—

Morre Luthero, 1546.

Martinho Luthero, celebre reformador religioso, nasceu em Eisleben, na Saxonia, a 10 de novembro de 1483. Era filho d'um mineiro.

Muito pobresinho, pedia esmola nos intervallos dos seus estudos, cantando cantigas para enternecer as almas. Formou-se em philosophia, dedicando-se á vida ecclesiastica. Mandado a Roma, para tratar d'alguns negocios da ordem de Santo Agostinho, em que professara, a tamanhas infamias e poucas vergonhas assistiu que se indignou, começando a odiar a côrte pontificia. Regressando á Allemanha, em breve entrou n'uma propaganda activa contra os escandalos do papado.

A sua palavra inflammada e eloquente attrahiu numerosos partidarios. Tendo sido excommungado pelo papa, queimou n'uma praça publica a bulla de excommunhão. Este acto de extrema audacia consagrou-o como caudilho d'uma revolução. Perseguido, luctou sempre, acabando por vencer.

A elle se deve o ter introduzido no mundo intellectual essa poderosissima alavanca do livre exame. Foi o creador, por assim dizer, da liberdade e da civilisação moderna. Grande revolução, extraordinaria revolução, que tornará o seu nome immortal e fulgurante atravez dos seculos.

Grande orador, grande escriptor, grande musico, grande propagandista da instrucção do povo, reuniu em si faculdades verdadeiramente excepcionaes.

Quando morreu, metade da Europa seguia as suas doutrinas.

—

19 de fevereiro.—Os brazileiros obrigam D. João VI, principe regente, a não admittir o tribunal da inquisição no Brazil, 1800. O grande conselho geral da Suissa approva por 16 votos contra 8, a lei da eleição dos ecclesiasticos pelo povo.

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Comprae

A OSMOND

...Sr. redactor do *Povo de Aveiro*.—Por varias vezes tenho visto no jornal que v. tão distinctamente dirige, algumas referencias sobre a illuminação da cidade, illuminação que constitue uma das muitas vergonhas que ainda por ahi existem.

Não é de hoje nem de hontem que o publico, com justa razão, vem reclamando o melhoramento da illuminação publica, pois que a luz mortiça que derramam os *pavios* dos candieiros do gaz, é insufficiente para bem illuminar uma cidade que se chama capital de districto.

Parece que vivemos na aldeia de Paio Pires e com certeza em parte alguma, onde a illuminação é feita a gaz, ainda que muito inferior seja essa localidade, se verá semelhante barbaridade, para não lhe chamar pouca vergonha. Não basta o gaz chegar á cidade sem força, por conseguinte sem poder illuminante por se achar o gazometro estabelecido na parte mais alta da cidade, como ainda as *quelras* do dito e as pequenas torneiras dos candieiros são atrozmente apertadas sem dó nem caridade.

Contra tal abuso se vem revoltando os habitantes de Aveiro, pois entendem, e com razão, que isto aqui não é burgo pôdre onde qualquer se julga no direito de nos deixar ás escuras, embora o municipio, ou por outra, o mesmo publico pague bem a quem o serve (mal).

Somos ainda do tempo em que a illuminação da cidade era feita a petroleo, e, com franqueza, a actual pouco differe da d'então. Para nos obsequiarem, portanto, com tal *melhoramento, melhoramento* que arranca uma boa verba annualmente ao municipio, melhor fôra que elle nunca passasse de lembrança. Emparelha bem com o *canudo* do Côjo. Pelo menos, andaram por alli as mesmas mãos.

Para desaffronta, vae-se o publico sortindo de geradores para carboneto, que fornece incontestavelmente melhor luz e representa mais economia.

Pena é que o nosso municipio, onerado como está pelo vexatorio contracto que tem com a Companhia, não possa fazer outro tanto e arrumar de vez para o lado com esse verdadeiro logro que chega a attingir as raias do escandalo. Comtudo, teem os membros do senado na sua mão os elementos precisos para a fazer entrar na ordem, pois resolveu na sua ultima sessão officiar-lhe communicando-lhe que, ou entra em accordo para a nomeação de tribunal arbitral para a regularisação da luz, ou leva a questão aos tribunaes.

Plenamente d'accordo e conscio de que n'esta cruzada do bem publico encontrarão o applauso de todos os habitantes d'Aveiro, leva-me essa questão a incommodar v. e a felicitar quem tão nobremente tem procurador evitar que por mais tempo nos deixem ás escuras.

E desculpe me, sr. redactor a maçada do seu

Velho assignante.

FOLHAS SOLTAS

A VIDA DE JOÃO

E' a vida de João Trabalha. Não a ha mais simples, nem mais dolorosa.

Desde creança, seu pae levou-o á fabrica, e alli, entre aquellas complicadas machinas de ferro, que se movem com um ruido ensurdecedor, passou toda a existencia. Respirando uma atmosphera viciada, cançado pelo continuo esforço, á mercê dos toques da sineta que marcam as horas de entrada e sahida, sem instrucção alguma, sem nenhuma aspiração, sem sufficiente alimento para o estomago, sem ter podido jámais contemplar os divinos explendores da natureza, comendo no seu tugurio, ou na maldita, asquerosa e nauseabunda taberna, assim decorreu o melhor d'aquella juventude.

Quando já estava em plena edade viril, uma rapariga falou-lhe aos sentidos—o que havia ella de dizer-lhe?—e casaram-se. Durante uns mezes, João teve casa propria, embora pequena e pouco limpa; teve uma mulher que dissipou o frio mortal das suas noites. Quasi chegou a julgar-se um homem.

Pouco, sem embargo, variou a sua vida. Quasi de madrugada soavam as sinetas que o arrancavam da cama; já de noite, voltava a casa, e antes de entregar-se ao amôr da mulher que com elle compartilhava casa e cama, tinha de entregar-se, rendido, ao descanço.

As lançadeiras dos teares não cessavam de correr e elle não podia deixar de as seguir com muita attenção. E assim teceu tela em quantidade desmedida; tanta tela, que com ella se podiam amortalhar todas as legiões de operarios que trabalham como trabalha João! João soube algumas vezes, vagamente, que havia homens que viviam sem trabalhar, o que o assombrava. Comtudo não dava ao caso grande importancia.

Uma noite, ao voltar a casa, achou-a vasia. Sua mulher tinha-o abandonado. Encontrou aquillo muito dentro da razão, muito natural e logico. Fechou a porta, e deitou-se só, sem ceiar.

No dia seguinte voltou á fabrica, e durante uns annos continuou tecendo tela e mais tela, em tal quantidade que com ella se podiam amortalhar todos os maridos abandonados que trabalham como bestas de carga.

Porque lhe tremem as mãos, d'antes tão firmes, e porque motivo o olhar não póde seguir, com a mesma attenção, o vôo das lançadeiras?

João era já velho e não podia trabalhar na fabrica. Deixa a casa em que habitava, vende os poucos trastes que comprou á custa de mil fadigas, e aluga um quarto que parece a cella de um presidiario.

Vive de esmolas? Vive sem comer? Ninguem o sabe. E elle menos do que ninguem. Talvez espere por um pedaço d'aquella fazenda, que teceu quando as suas mãos ainda não tremiam. A vida de João é a vida do humilde.

(*Continúa*).

ANNUNCIOS

VENDE-SE um fogão grande quasi novo, duas fornalhas e duas estufas.

Para tratar padaria Ferreira, aos Arcos.

EM TODA A PARTE OS

Armazens

Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encommenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.ª

LISBOA

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.ª ed., cart. 300 réis, broch. 200

Album, ou livro contendo as licções da *Catilha Maternal* em ponto grande . . . . . 5$000

Quadros Parietaes, ou as mesmas licções em trinta e cinco cartões . . . . . 6$000

Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200

Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripta—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sôbre o Méthodo

A Cartilha Maternal e o Apostolado 500
A Cartilha Maternal e a Crítica 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripta.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

TYPOGRAPHIA —DO— POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de typos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 1$600 a 3$600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.or

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Concerta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; óbtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA

(Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relogios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGEN

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO